

Celso Furtado defende participação ativa do Estado na economia

Brasil

Renata Batista

Do Rio

Na contramão daqueles que defendem o liberalismo de mercado, o economista e ex-ministro Celso Furtado continua apostando no papel do estado como agente de desenvolvimento e formulador de política. Ontem, após receber a medalha do mérito industrial da Federação das Indústrias do Ceará (Fiec), o ex-ministro criticou duramente a proposta de dar autonomia ao Banco Central.

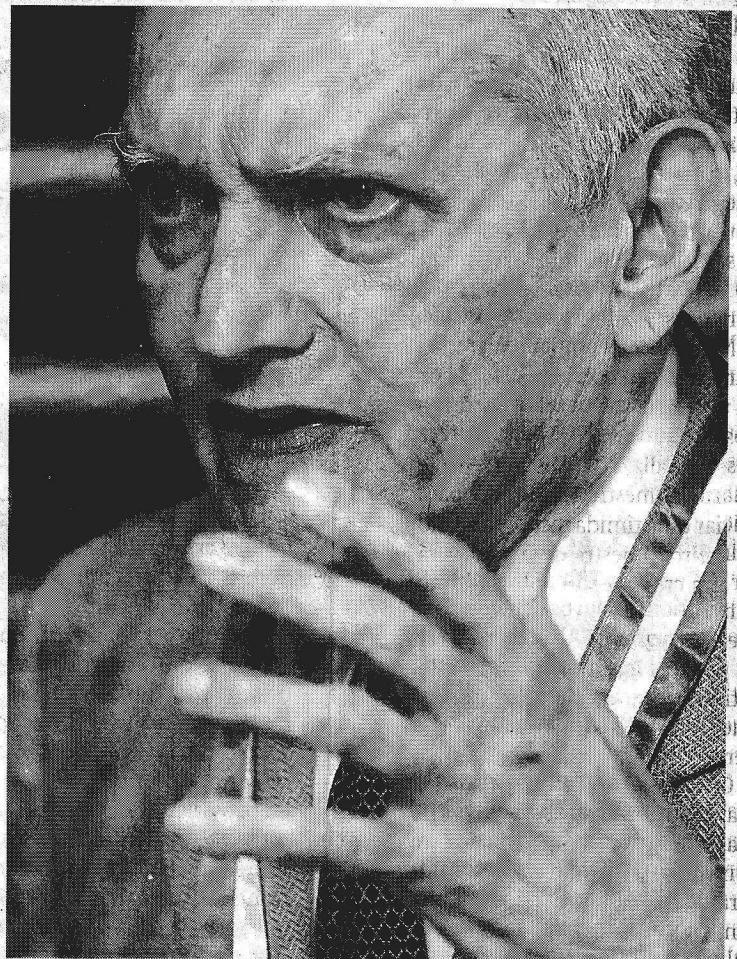
"Não se trata de risco, mas de se saber quem tem o poder para governar. O Brasil não é uma empresa, quando se fixa a taxa de juros é um instrumento político que está sendo usado", disse.

O economista acha que ao dar autonomia ao Banco Central — o que qualifica de "privatização" — o governo estaria renunciando a sua própria autonomia, transferindo-a para os bancos privados. "O BC usa os instrumentos de política monetária em nome da sociedade, do Estado. Se privatizar o Banco Central, o Brasil estará entregando esse poder para bancos privados e hoje quase todos são estrangeiros", explica.

Quase 50 anos depois de criar a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), cujas atividades foram interrompidas esse ano pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, Furtado defendeu a ação do governo como líder dos projetos de desenvolvimento. "Desenvolvimento não é investimento como gostam de dizer os economistas. Desenvolvimento não é espontâneo. Conseguimos criar a Sudene embora o Nordeste tivesse uma classe política despreparada porque as políticas eram decididas acima dos partidos políticos", disse, lembrando que os governadores de diferentes partidos, inclusive da oposição, faziam parte do conselho do órgão, que tinha status de ministério.

Na opinião do economista, a discussão sobre privatizar Furnas ou Chesf hoje não é importante. Mas é preciso lembrar que só o governo pôde liderar a construção dessas duas empresas. "Elas foram construídas com capital estrangeiro e só o Estado é capaz de capitanear a captação desses recursos. O capital privado é essencial", disse.

Para Furtado, as eleições presidenciais do próximo ano serão pautadas pelas questões sociais,



O economista Celso Furtado: "hoje, quase todo mundo é de direita"

que considera terem sido negligenciadas pelo Estado nos últimos anos. Perguntado, porém, sobre qual projeto social o levaria a votar em um candidato ou em outro, o economista foi direto: "Não tenho condições de responder isso agora. Se me pedissem para analisar um

programa de governo, o que eu não faria mais, teria que analisar todos os números de investimentos etc. Mas a esquerda, que eu chamo de progressista, sempre foi uma constante em minha vida, mas hoje, quase todo mundo é de direita", completou.